

A VOZ DA NEGRITUDE NA POESIA DE FRANCISCO JOSÉ TENREIRO

Valter Gomes DIAS JUNIOR¹
Universidade Federal da Paraíba
E-mail: valtergdj@yahoo.com.br

RESUMO: Os traços culturais, sociais e políticos de uma nação são sempre observados e pontuados como marcas da identidade de um povo que representa esta nação. Porém, quando uma determinada comunidade, ou grupo étnico, tem sua identidade negada como registro de uma nacionalidade ou como afirmação de um sujeito, vivencia-se assim uma problemática que as ciências humanas, entre elas, os estudos literários visam a (des)construir. Diante desse contexto, surgiu o movimento da Negritude, em países africanos, que tinha como fundamentação retornar às origens africanas, redescobrimo o Eu Africano, num processo também conhecido como reafrikanização. Nesse contexto, despontam muitos literatos que lutaram pela identidade do negro africano e pela liberdade de sua nação. Dentre eles, deter-nos-emos à produção poética de Francisco José Tenreiro, poeta são-tomense, que compôs poemas que serviram de retrato da luta pela identidade do sujeito negro-africano submetido a um sistema que visou alienar sua existência, excluindo sua liberdade. Dentre a produção literária do mencionado poeta, serão utilizados como fonte de nosso estudo os poemas *Ilha de Nome Santo* (1942) e *Epopéia* (1942), os quais serão analisados como exemplos literários necessários ao aprofundamento do movimento da Negritude, em países africanos de Língua Portuguesa, e teremos, como categoria basilar para a compreensão deste movimento, o olhar para o negro-africano como sujeito, construtor de sua própria identidade dentro de uma nação livre.

Palavras-chave: identidade, Negritude, Francisco José Tenreiro, poesia, negro.

Discutir Negritude e destacar as vozes significativas que construíram esse movimento é adentrar em campos das ciências humanas basilares à formação do mesmo; dentre eles, a política, a sociologia e a literatura. Os três, ao veicularem as propostas da Negritude, estarão fortemente arraigados ao propósito de não apenas evidenciar a ação de um sujeito, todavia erigir uma consciência que desconstrói um passado de opressão e constrói um presente de liberdade.

Diante do exposto, ao se enveredar pelo propósito de não apenas conhecer o mundo, mas de transformá-lo, caberá, muito mais, à literatura o encargo de enfatizar os objetivos que fundamentaram a Negritude como corrente sociopolítico-literária. Essa

¹ Doutor em Letras, na área de concentração Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba, em 2014.

incumbência destinada às artes literárias é devido a estas utilizarem a linguagem como fenômeno precípua às rupturas com o processo de negação da subjetividade do negro.

Corroborando esse ponto de vista, trazemos a contribuição de um crítico do movimento da Negritude, que julga necessário o estudo da linguagem por ela “fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.” (FANON, 2008, p. 33)

Diante disso, observamos, com a asserção de Frantz Fanon, que a linguagem está condicionada ao discurso de alteridade, resultando disso numa postura de identidade com a cultura desse negro. Por isso, o referido crítico assevera que “falar é, sobretudo, assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” (Idem, ibidem)

O discurso da Negritude, ao longo de sua época, tornou-se, então, uma “busca apaixonada de identificação por parte do homem negro profanado por séculos de escravidão e de desprezo.” (DEPESTRE (1970) *apud* LARANJEIRA, 1995, p. 87) Essa paixão evidenciou-se melhor através da contribuição da poesia negra de poetas como Agostinho Neto, Noémia de Sousa, Viriato da Cruz, Francisco José Tenreiro e muitos outros que ajudaram a construir os alicerces das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. A ideia fulcral destes literatos “era o retorno às fontes, a redescoberta do Eu Africano, a reafirmação de assimilados, que eles eram de facto, a tomada de consciência da total alienação pelo facto de terem sido os poucos eleitos “portugalizados” (...).” (ROCHA, 2010, p. 41) E a ênfase no gênero textual da poesia indica o quanto “a poesia negra vai se nutrir, portanto, da ideia de desconstrução, de demolição de “verdades” que negam o negro, buscando substituí-las por outras que, ao contrário, afirmam e exaltam sua condição humana.” (BERND, 1988, p. 86)

Partindo desse conceito, Pires Laranjeira definiu como elementos constitutivos da Negritude a simplicidade dos fatos da vida, o desejo de regresso às origens, os hábitos da cultura de civilização negra e, principalmente, a recusa a qualquer tipo de assimilação do processo de negação para-o-outro negro. Essas taxionomias serão discutidas e contextualizadas como perfil de identidade da Negritude nos poemas *Ilha de nome santo* (1942) e *Epopéia* (1942), ambos de Francisco José Tenreiro, que serão postos em análise com a finalidade de expor as singularidades de uma cultura que se tornaram registros de uma ideologia. Diante disso, Edmundo Rocha observa que:

Nessa busca cultural para se reafirmarem, para reencontrarem as suas raízes, iam descobrindo e dissecando a iniquidade do sistema que os tinha alienado e descobriam muito mais coisas: a inexorável máquina de exploração e de aviltamento de milhões de homens e de mulheres africanas, nas colónias. E, nesse processo de descoberta, chegaram à conclusão de que pertencia à sua geração a “responsabilidade histórica” de denunciarem ao mundo a situação dos seus povos e de assumirem o “comprometimento real”, o engajamento total na luta pela independência dos seus países. (ROCHA, 2010, p. 44)

Com base no exposto, observamos que esses fatores de afirmação do Eu Africano e de denúncia da árdua realidade do povo africano serão evidenciados em muitas das produções poéticas de Tenreiro, como nos textos já mencionados e que são fonte de nosso estudo. O poema *Ilha de nome santo* reporta-se através do título à Ilha de São Tomé e Príncipe, o qual destacará o perfil regional e cultural da terra. Quanto à forma, observamos uma composição toda em versos livres, sem estar presa a regras

fixas do cânone poético. Essa característica marca a intenção natural de o poeta cantar a terra numa postura bem libertária. O primeiro verso constituído de uma única palavra e finalizado por uma interjeição explora isomorficamente a abrangência do conteúdo que vai se expor. O termo “Terra!” contextualiza de forma peculiar o que Antonio Candido, um dos maiores críticos literários do Brasil, afirmou acerca da exposição de uma temática poética, pois não é apenas o que o poema comunica, mas o que o poema expressa, porque “o estudo do texto importa em considerá-lo da maneira íntegra possível como comunicação, mas ao mesmo tempo e, sobretudo, como expressão. O que o artista tem a comunicar, ele o faz à medida que se exprime.” (CANDIDO, 2006, p. 27) O vocábulo único “Terra!”, no primeiro verso do poema, será o emissor do que o texto pretende comunicar e a interjeição reforça que a enunciação dar-se-á na intenção de maravilhar-se com o que essa terra tem a expressar.

O segundo verso do poema destaca as riquezas naturais da região cheia de plantações de cacau, de copra, de café e de coco. E verificamos tal destaque não apenas na disposição das palavras no verso, mas também na sonoridade suscitada nestes termos, pois a repetição acentuada do fonema consonantal /c/ apresenta a oclusividade no intuito de registrar a explosão para todos os lados dos frutos da natureza de São Tomé, ou seja, seus alimentos, os quais se perdem de vista na amplidão da terra, são cultivados numa cadência rítmica como se estas plantações marcassem o ritmo de um poema vivo na natureza da terra. Vegetação esta que, ao ter seu ritmo cessado no azul do mar da ilha, dará espaço para a expansão das belezas da região, pois segundo as expressões da primeira estrofe, o belo em São Tomé não morre apenas na terra, expande-se para águas que são comparadas ao azul de um céu tido como o mais gostoso do mundo.

Diante do exposto, vemos uma crescente exploração de espaços, que mais uma vez demarca a ritmização pretendida através dos elementos terra, mar e céu, pois são ambientes que encadeiam gradativamente a beleza da Ilha de São Tomé. Observamos também que o texto não fica apenas no plano das referências ao belo da natureza, há uma tentativa de gerar um sentimento acerca dessas belezas, já que o emprego do superlativo “*num mar azul como o céu mais gostoso de todo o mundo*” mostra a intenção de o poeta registrar o amor que se deve ter pela terra. O referido vate explora mais ainda esse sentimento através do recurso estilístico da sinestesia por fundir as expressões sensoriais da visão, na palavra céu, com as do paladar, no termo gostoso, ressaltando com isso que o que se vê na Ilha de São Tomé é algo deveras saboroso.

A referência da primeira estrofe ao espaço em que se está localizado o negro africano remete de maneira clara aos recursos da narratividade. Ao se descrever o ambiente, procura-se especificar características que estruturam uma individualidade, ou seja, deseja-se com essa descrição aproximar o espaço das ações humanas. Contextualiza-se tal observação com as seguintes argumentações:

[...] os signos que delimitam ou indicam os mínimos lugares, os espaços pontuais e localizáveis, contribuem decisivamente para uma configuração espacial mais específica e determinada. De algum modo, aproximam mais a poesia da narrativa, permitindo-nos identificar com maior precisão, isto é, criar mais imediatamente a representação de lugares, recantos, posições físicas, colocações, locais, dimensões, enfim, toda a série de conceitos espaciais que possibilitam imaginar o *cenário* envolvente de uma atmosfera, indicando-a na sua referencialidade ou, então, prestando-se ao jogo simbólico ou

alegórico da sua significação mais profunda. (LARANJEIRA, 1995, p. 371)

A citação de Pires Laranjeira confirma a intenção de o eu lírico do poema criar um cenário que deveras envolva uma significação profunda do espaço. Baseando-se ainda na asserção do referido crítico, observamos também a fusão da poesia com a narratividade quando a segunda estrofe recupera coesivamente o espaço do céu, exposto na primeira estrofe, informando que de lá o sol agita os nervos dos homens e das mulheres, ou seja, ver-se o espaço interferindo nas ações humanas, pois esse “*incendiar das costas*” gera a ação de almejar o futuro através da gradação crescente: “*capinar sonhar plantar*”. Contextualiza-se mais o posicionamento de Pires Laranjeira quando, a partir da terceira estrofe, sugere-se uma unidade de ação, pois as mulheres são apresentadas como seres fortes que “*trabalham ao lado de seu homem numa ajuda toda de músculos!*”. Essa informação ao ser concluída por uma exclamação sugere ao leitor a noção de maravilhar-se com esse comportamento, pois homens e mulheres não são citados em ações distintas, mas juntas, indicando assim uma unidade de ação na narrativa poética, a qual vai se seguindo pelas demais estrofes, uma vez que na subsequente, o filho desses pais assiste-lhes no trabalho degustando o sabor do sãfu que é para o garoto aquilo que o espaço de melhor pode oferecer, pois se menciona na estrofe que o moleque deixava “*correr gostosamente pelo queixo quente o sabor e a seiva húmida do sãfu maduro!*”. Toda essa sequência de ações vai gradativamente aumentando a intenção de expor os comportamentos humanos gerados pelas belezas da terra. Alcança-se uma unidade maior, quando na quinta estrofe expõe-se que tudo e todos são atraídos pelas belezas de São Tomé: “*Onde as noites estreladas*”, “*e uma lua redonda como um fruto*”, “*os negros as sangues os moleques os caço*”, “*– mesmo o branco e a sua mulata –*”, “*vêm no sòcòpé de uma sinhá*”, “*ouvir um malandro tocando no vilão*”, “*cantando ao violão!*”.

Em síntese, o poema *Ilha de nome santo* é um hino à terra e à sua gente, já que retrata veementemente o espaço do homem negro, os hábitos, acima de tudo, seus gostos, mesmo que o homem branco tenha interferido, ao impor a colonização da região através do império português, o poema vem a destacar que São Tomé e Príncipe “*é terra do negro leal forte e valente que nenhum outro!*”. Diante do exposto, vemos a imagem de uma Negritude com postura construtiva, pois resgata o retrato de uma terra, de um povo que superou a presença autoritária do homem branco colonizador.

No que se refere ao poema *Epopéia*, observa-se uma singular semelhança com a proposta de Agostinho Neto, que propôs a estrutura épica explorando uma imagem triunfante de ação, luta e glória, ou seja, apresenta um extravasamento épico. Isso Leonel Cosme classificou de termo de afirmação em oposição a um revestimento lírico que seria o termo de negação na proposta da poesia da Negritude. O épico, então, é a voz de uma coletividade que visa a afirmar-se denunciando fatos ocorridos num passado, persistindo em mudanças no presente e acreditando na felicidade no futuro. Essa proposta poética retratada nesse poema de Francisco José Tenreiro constitui uma forte marca da ideologia do movimento da Negritude, que, neste texto proposto à análise, estruturar-se-á ao detectar o fator tempo como um dos elementos constitutivos da voz da Negritude. Diante disso, faz-se mister expor a contribuição da temporalidade como categoria literária precípua nas análises dos poemas do referido movimento, em especial no poema *Epopéia*:

[...] adaptando a visão tradicional e comum do tempo, podemos esquematizar uma lógica naturalizada da sua concepção segundo a poesia da Negritude: Ontem (Antes): infelicidade; Hoje (Agora): infelicidade/ mudança; Amanhã (Depois): felicidade. (LARANJEIRA, 1995, p. 286)

A asserção de Pires Laranjeira contextualiza o início do poema que destaca um tempo em que não há mais liberdade na África pelo fato de os brancos colonizadores terem invadido a região a tiros, deixando-a em brasa, como bem se observa nos versos: “*Os brancos abriram clareiras*”, “*a tiros de carabina*”, “*Nas clareiras fogos*”, “*arroseando a noite tropical.*” “*Fogos!*”, “*Milhões de fogos*”, “*num terreno em brasa!*”. A ação do branco é de postura estritamente colonizadora, pois na estrofe seguinte informa-se o lugar que foi – para esses negros – o porão de um navio e de lá se entoa um canto diferente dos sons de liberdade da azagaia, ou seja, os negros são impelidos a um destino cruel. O cenário em que emergem essas imagens é assaz irônico, pois enquanto se destaca a beleza, a liberdade e a grandeza, através dos elementos “*Noite de grande lua*”, opõe-se a essa visão o ambiente redutor e escuro do porão do navio acrescido ao “*som das grilhetas marcando o compasso!*”. Por isso, ao se contrapor a grandeza da lua ao destino ignorado dos negros, explora-se a imagem antitética e conflituosa a que foram submetidos os africanos. Conflito este que vai tomando proporções maiores quando se informa os lugares por onde o negro passou e o que ele adquiriu nessa passagem.

A visão de homem sem destino, sem horizonte de vida, presente no dístico subsequente “*Foste o homem perdido*”, “*em terras estranhas...*” informa no que realmente se transformou o africano – um ser sem identidade. E essa noção é perpassada por todas as regiões colonizadoras por onde passou o negro. Como o poema indiretamente sugere, o negro foi impelido à condição de escravo e como tal foi ignorado, cabendo a ele apenas o trabalho árduo e desumano, como se pode verificar através das informações da sétima estrofe: “*No Brasil*”, “*ganhastes calo nas costas*”, “*nas vastas plantações de café!*”, “*No Norte*”, “*foste o homem enrodilhado*”, “*nas vastas plantações do fumo!*”.

A descrição da relação de poder do colonizador para com o negro serve para constatar o regime de opressão política, socioeconômica e cultural a que foram submetidos os negros. Contextualiza-se tal observação através do referido posicionamento:

[...] o colonizado insere-se na cadeia de produção econômica enquanto elemento básico de produção material, como trabalhador que gera riqueza de que outros se apropriam (o colonizador e o colonialista, português ou gestor multinacional). Estes, detentores do poder sócio-político e econômico, tendem a negar a riqueza cultural dos povos africanos e mesmo a recusar a sua existência, pelo que impõem os padrões exógenos de cultura dos dominados. (LARANJEIRA, 1995, p. 358)

A referida citação expõe com clareza o que o poema descreve, ou seja, os negros geravam a riqueza dos colonizadores de norte a sul das Américas e em troca o que recebiam era uma vida que negava sua identidade, sua cultura, em síntese, sua própria existência. A eles sobravam apenas as saudades da terra onde eram livres, como vemos

no excerto: “*Na calma do descanso nocturno*”, “*só a saudade da terra*”, “*que ficou do outro lado...*”, “*— só as canções bem soluçadas*”, “*dum ritmo estranho!...*”.

As três estrofes seguintes apresentam uma comparação entre o colonizado do sul e o do norte, expondo que este era mais cheio de ideais, mesmo sendo um despropósito tê-las. Observa-se, a partir dessa parte, uma tentativa de mudança da condição humana do negro. Verifiquemos: “*Os homens do norte*”, “*estavam cheios*”, “*dos ideais maiores*”, “*tão grandes*”, “*que tudo foi um despropósito!...*”. Na América do Norte, ocorre um regresso às origens, seria uma forma de retomada da identidade perdida do negro africano. Essa referência serve para reforçar o valor do negro em suas próprias terras e são pontuadas essas observações nas seguintes estrofes: “*Os homens do norte*”, “*os mais lúcidos e cheios de ideais*”, “*deram-te do que era teu*”, “*um pedaço para viveres...*”, “*Libéria! Libéria!*”, “*Ah! Os homens nas ruas da Libéria*”, “*são dollars americanos*”, “*ritmicamente deslizando...*”.

Nota-se que a metáfora existente na associação “*homens nas ruas da Libéria são dollars americanos*” remete à noção do objeto em que se transformou o negro, não de um ser de valor moral, todavia de utilidade para um devido serviço. É esta função que é exposta nas últimas estrofes, porém com uma imagem diferenciada, pois ao se atribuir uma função ao africano e este executá-la com qualidade, exploram-se metonimicamente as riquezas da África nas qualidades de seu povo, ou seja, verifica-se nas quatro últimas estrofes a presença de um futuro que chega para o negro com mudanças significativas. Estas se destinam a retratar a contraposição entre o valor bruto do negro, no trabalho, e a qualidade de sua raça, nas características que representam seu povo e sua terra. Vejamos: “*Quando cantas nos cabarês*”, “*fazendo brilhar o marfim da tua boca*”, “*é a África que está chegando!*”, “*Quando nas Olimpíadas*”, “*corres veloz*”, “*é a África que está chegando!*”.

As duas últimas estrofes reforçam o futuro promissor, cheio de conquistas, que se almeja para o negro. Faz-se mister ressaltar a identificação do eu lírico, no texto, ao desejar esperanças a outro negro, ou seja, é a voz da negritude, que se concretiza no poema através dos versos: “*Segue em frente*”, “*irmão!*”, “*Que a tua música*”, “*seja o ritmo de um conquista!*”, “*E que o teu ritmo*”, “*seja a cadência de uma vida nova!*”, “*... para que a tua gargalhada*”, “*de novo venha estraçalhar os ares*”, “*como gritos agudos de azagaia!*”.

Essas estrofes representam nitidamente o triunfo da raça negra, como bem já havia observado um dos críticos da Negritude ao asseverar que “por essa poesia perpassa a decadência da civilização ocidental, o triunfo da raça negra, contra o evasionismo e a marronnage, o triunfo do riso, do canto e da esperança, (...)”. (LARANJEIRA, 1995, p. 92) Estruturas estas que justificam o título do poema ser *Epopéia*, já que se enfatiza a ação da coletividade negra como heróis de uma conquista.

O texto como um todo apresenta uma dialética onde a liberdade que tinha o negro posiciona-se como a tese, a não-aceitação do sistema a que ele foi submetido é a antítese e por último temos a síntese representada por uma vida cheia de esperanças e, sobretudo, de conquistas tão almejadas pelo africano. Diante do exposto, poderíamos classificar a proposta poética discutida no poema *Epopéia* numa Negritude serena, pois, consoante à terminologia de Kabengele, temos uma poesia de atitude construtiva, de conciliação dialética, fazendo emergir, como o próprio texto sugere, a alegria, a gargalhada do negro africano. Ante tudo o que foi apresentado e “pela sua dimensão literária e sua angústia existencial, Francisco Tenreiro merece ficar nos livros de literatura africana pela excelência da sua poesia.” (ROCHA, 2010, p. 45) Isto é, uma

produção artística que é o registro da identidade de um povo e de uma nação que lutou pela afirmação da própria liberdade.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2006.

COSME, Leonel. Agostinho Neto. *A poesia e o Homem*. Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco, s/d.

FANON, Frantz. *Pele Negra. Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LARANJEIRA, Pires. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.

ROCHA, Edmundo. Francisco José Tenreiro, o poeta dos dois destinos. In: MATA, Inocência da (Org.). *Francisco José Tenreiro: as múltiplas faces de um intelectual*. Lisboa: Edições Colibri, 2010, p. 41-5.

TENREIRO, Francisco José. *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991.

_____. Processo poesia. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Textos de Apoio (1947-1963) Coimbra: Ângelus Novus, 2000, p. 64-69.

_____. Acerca da literatura negra. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Textos de Apoio (1947-1963) Coimbra: Ângelus Novus, 2000, p. 70-78.

ANEXOS

Anexo 1 – Ilha de nome santo

Terra!
 das plantações de cacau de copra de café de coco a perderem-se de vista
 que vão morrer numa quebra ritmada
 num mar azul como o céu mais gostoso de todo o mundo!

Onde o sol bem amarelo bem redondo incendeia as costas
 dos homens das mulheres agitando-lhes os nervos
 num cadenciar mágico mas humano: capinar sonhar plantar!

Onde as mulheres que têm os braços mais grossos e mais tortos que oca
 são negras como o café que colhem depois de torrado
 trabalham ao lado de seu homem numa ajuda toda de músculos!

Onde os moleques vêm seus pais no ritmo diário
 deixando correr gostosamente pelo queixo quente
 o sabor e a seiva húmida do sãfu maduro!

Onde as noites estreladas
 e uma lua redonda como um fruto
 os negros as sangues os moleques os caçô
 – mesmo o branco e a sua mulata –
 vêm no sòcòpé de uma sinhá
 ouvir um malandro tocando no violão
 cantando ao violão!

E o som fica ecoando pelo mar...

Onde apesar da pólvora que o branco trouxe num navio escuro
 onde apesar da espada e duma bandeira multicolor
 dizerem poder dizerem força dizerem império de branco
 é terra de homens cantando vida que os brancos jamais souberam
 é terra do sãfu do sòcòpé da mulata
 – ui! Fetiche di branco! –
 é terra do negro leal forte e valente que nenhum outro! ²

² TENREIRO, Francisco José. Ilha de nome santo (1942). In: _____. *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991, p. 53-4.

Anexo 2 – Epopeia

Não mais a África
da vida livre
e dos gritos agudos de azagaia!
Não mais a África
de rios tumultuosos
– veias entumescidas dum corpo em sangue!

Os brancos abriram clareiras
a tiros de carabina.
Nas clareiras fogos
arroxendo a noite tropical.

Fogos!
milhões de fogos
num terreno em brasa!

Noite de grande lua
e um cântico subindo
do porão do navio.
O som das grilhetas
marcando o compasso!

Noite de grande lua
e destino ignorado!...

Foste o homem perdido
em terras estranhas...

No Brasil
ganhastes calo nas costas
nas vastas plantações do café!
No Norte
foste o homem enrodilhado
nas vastas plantações de fumo!

Na calma do descanso nocturno
só a saudade da terra
que ficou do outro lado...
– só as canções bem soluçadas
dum ritmo estranho!...

Os homens do norte
ficaram rasgando
ventres e cavalos
aos homens do sul!

Os homens do norte
estavam cheios
dos ideais maiores
tão grandes
que tudo foi um despropósito!...

Os homens do norte
os mais lúcidos e cheios de ideais
deram-te do que era teu
um pedaço para viveres...

Libéria! Libéria!

Ah!
os homens nas ruas da Libéria
são dollars americanos
ritmicamente deslizando...

Quando cantas nos cabarés
fazendo brilhar o marfim da tua boca
é a África que está chegando!

Quando nas Olimpíadas
corres veloz
é a África que está chegando!

Segue em frente
irmão!
que a tua música
seja o ritmo de uma conquista!
E que o teu ritmo
seja a cadência de uma vida nova!

... para que a tua gargalhada
de novo venha estraçalhar os ares
como gritos agudos de azagaia!³

³ TENREIRO, Francisco José. Epopeia (1942). In: _____. *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991, p. 37-9.